

“QUAL É A ESTÓRIA DESTA VEZ, MEU PARENTE?” NARRATIVAS ORAIS DA AGROVILA DO CARANÁ, NO BAIXO AMAZONAS

Atina Batista Dutra¹

Dilce Pio Nascimento²

Dalvina Teixeira Rolim³

Weberson Fernandes Grizoste⁴

RESUMO

O escopo deste trabalho é, de forma geral, um apanhado sobre a tradição da oralidade, como ela é tão importante na vida do homem, principalmente para o homem do interior onde a fala é predominante. Este carrega consigo a maravilha do dom de ser contador de estórias/histórias entoando seu próprio ritmo e verdades, no entanto, essa tradição vem se perdendo com o passar dos anos e no que se refere a valorização dessas narrativas é, de fato escasso, pois há uma imensa necessidade de trazer essas narrativas para o poder da escrita. Pensando no quão grande é o domínio da fala no cotidiano do interior, a ideia de principal do trabalho não é transformar oralidade em escrita, mas mostrar a valorização dela e como a memória, é mister para o rito de passagem dessas narrativas. Usando como embasamento teórico, Ecléa Bosi, Alessandro Portelli, Regina Zilberman entre outros, os quais foram de extrema importância para este trabalho e, usando a pesquisa de campo pode-se coletar essas estórias que são deveras importantes não só para a comunidade mas para a sociedade de modo geral.

Palavras-chave: oralidade; narrativas; comunidade; Caraná; resgate cultural.

¹ Acadêmica do curso do 8º Período do curso de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

² Professora Me. do Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Parintins.

³ Professora graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, mestranda no programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal do Amazonas.

⁴ Professor Doutor adjunto da Universidade do Estado do Amazonas, graduado em Letras – Português e Inglês pela universidade do Estado do Mato Grosso, mestre em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra e doutorado em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo mostrar a peculiaridade das narrativas orais dos moradores mais velhos da Comunidade do Caraná, município da cidade de barreirinha. A pesquisadora sendo filha da referida comunidade teve o intuito de trazer as histórias da própria comunidade como forma de valorização da cultura bem como o resgate dessas memórias que se perdem ou são ignoradas. A relação com a natureza se torna parte intrínseca da vida do homem do interior, pois todas as suas atividades de caça, pesca, bem como todas as suas crenças povoam o imaginário dessa sociedade. É fácil perceber a diferença entre um homem do campo e o homem da cidade. A impressão que se tem é que o homem do interior tem mais criatividade em dar vida nas suas narrativas, porque essas histórias ou estórias são vivenciadas por cada um deles na vida real, portanto, sua relação com a natureza é distinta.

Esse homem torna-se um grande narrador porque suas experiências de vida não são somente guardadas para si, mas também servem como uma corrente que se estende geração em geração. Este trabalho foi dividido nas seguintes sessões: a primeira sessão teve foco na investigação das narrativas, coleta-las para então iniciar a segunda parte que foi a transcrição delas e, seguindo para a realização deste artigo. No trabalho foi usado o método qualitativo, onde cada indivíduo que participou da pesquisa é observado, para não haver lacunas na descrição das narrativas. Cada estória tem sua legitimidade, pois seu narrador tem propriedade sobre o que fala e, na sua realidade se posiciona sobre o que vê e vive dentro do seu ciclo.

O modo como ele conta sua história determina como vive, como pensa e como molda o seu ambiente, a magnitude das palavras que lhe é dado quando criança permanece entranhado no seu eu até o fim de sua vida, pois nem mesmo as labutas da sua vida, as tutas diárias para conseguir seu sustento o impede de sentar e contar sobre seus causos, impressionando sempre a quem escuta, o gingado, a performance, tom de voz, as pausas fazem deste homem, cujo conhecimento de vida é rico, não um contador de narrativas, mas uma caixa onde a arte da palavra se encontra arredia e ansiosa para se libertar e encontrar os ouvidos apurados, olhares curiosos e almas sedentas pela emoção que é ouvir o velho pescador, o velho caçador iniciar suas aventuras.

O LONGO PERCURSO DO RECONHECIMENTO DA ORALIDADE E A LUTA POR ESPAÇO

Crescer ouvindo estória de pescador, de caçador faz parte da vida de quem mora no interior, é pouco provável que uma pessoa não tenha ouvido uma estória mirabolante que algum homem do rio contou. Mas essas narrativas passam despercebidas, caem no esquecimento e se transformam em lembranças somente por aqueles que viveram essa experiência. No cenário interiorano a oralidade tem um papel fundamental que é o de proporcionar a outras pessoas experiências imaginárias a partir das estórias que os velhos contam de tempos passados, o que contam também os pescadores que é a partir de narrativas de homens que vivem do trabalho da pesca, da caça entre outras atividades as quais foram moldados pela cultura oral.

Sabe-se que a oralidade é base cultural de comunidade/sociedades iletradas, por isso ela faz parte do cotidiano de cada uma dessas pessoas. Primeiramente, é possível partir de uma premissa: a de que toda a fala é um acontecimento, seja ele de que forma for, está ali incluso no meio social e está diretamente ligado ao cenário político-social isso quer dizer que este vínculo é referido ao contexto econômico, religioso e cultural. Antes de dar este trabalho ao rumo do pescado é necessário saber também que a oralidade se configura como acontecimento, pois mesmo com tantas discussões a respeito da oralidade como parte da literatura, ela ainda faz parte do círculo de resistência sociocultural, afinal é a voz que faz o vínculo entre a memória e a sociedade.

Apesar das lutas para legitimar a literatura oral, ela vem crescendo no mundo todo e isso começa a partir dos acontecimentos de impacto mundial nos países de grande potência, até chegar na América Latina que graças a instalação de universidades e formação de jornais, justamente visando a recontagem de outras histórias, dando espaço as classes desfavorecidas. No Brasil, especificamente, o interesse a respeito da história oral demorou a chegar por conta da falta de interesse de instituições não ligadas ao cunho acadêmico, somente foi possível ver esse avanço anos depois quando houveram exposições em museus e por isso hoje a oralidade se agarra ao contexto histórico cultural, visando, principalmente o que está à margem da sociedade aquilo causa mais impacto, visto que o que é invisível a olhos sensíveis torna-se gigante para quem vê com cuidado.

O significado do prestígio dominante da palavra escrita sobre a oral impôs uma guerra entre estes códigos e o grafado foi dividindo a sociedade em alfabetizados e não-alfabetizados. Desde os primeiros tempos, começando

pelos egípcios, a palavra escrita passou a ganhar valor em detrimento da oral, que passava a ser recurso vulgar. (PORTELLI, 1997, p. 17)

Quando se fala em provar algo, logo vem em mente as formas documentais que se pode mostrar aquilo que é verídico. Sempre houve o questionamento no que diz respeito à oralidade, pois o próprio elemento se coloca em risco “a palavra dita”, pois o que há de pensar senão a forma como a oralidade pode levar a escrita para o fundo da gaveta, mas o que está em jogo não é a disputa da oralidade por um lugar ao sol e sim o olhar do pesquisador acerca do que é contado no cotidiano das pessoas que, como foi anteriormente dito, vivem à margem da sociedade. Todavia, é importante lembrar que o temor que as palavras se percam no tempo estancaram de diversas formas a linguagem e comunicação e isso distancia a percepção do que a oralidade traz à tona e o que a escrita pode fazer a respeito. Portanto, de tempos em tempos a oralidade ganha espaço na sociedade, não para ocupar espaço de outra, mas para reivindicar seu próprio lugar.

A VOZ DA SABEDORIA

Sabe-se que a cultura da oralidade, por mais que tenha demorado para ser legitimada, de acordo com os pesquisadores, é predominante há muito tempo das sociedades iletradas ou que tem a oralidade como base. Durante a caminhada deste trabalho foi possível perceber que independente de como a oralidade se manifesta em cada comunidade intrínseco o saber, o conhecimento que essas pessoas adquiriram durante suas vidas.

A narrativa não precisa ser completa nem a descrição exaustiva, pois é na forma dialogada e na retransmissão que o argumento se constrói e toma sentido. Depende, portanto, da continuidade da transmissão dos símbolos próprios à cada cultura, em que as imagens reiteradas por uns são ouvidas e realimentadas por outros. Gallois (1994, p. 26)

Por que de trabalhar com oralidade e não com escrita? O que de especial a oralidade traz se a escrita por si só faz com que o leitor sinta a purgação dos sentimentos? Essas duas perguntas ficaram no ar quando, de frente para a câmera os entrevistados expuseram suas experiências. A leitura é extremamente essencial na vida do ser humano e na ideia de que ela é suficiente para todos, deixam uma parte importante de lado, a fala, a atenção no gesto e a precisão performática das histórias, as transcrições de cada narração

verbal e/ou vista em um documento no computador é apenas uma parte do que ficou quando se ouviu quando se viu e quando foi percebido que durante a narração, mudanças que ocorrem que na maioria das vezes fogem totalmente da linha que segue a história em si, pois, conforme Portelli (1997, p. 28) “Muitos narradores desviam-se de um ritmo para outro na mesma entrevista, quando sua relação à matéria em discussão muda. Naturalmente, isso pode somente ser percebido se se ouve, não se se lê”. Como se observa na narrativa oral é muito importante observar quando o narrador está contando a história, pois o corpo, a entonação da voz, todos os movimentos performáticos fazem parte da própria narrativa.

Como já foi dito, é notório que a leitura leva o leitor ao ápice, causa estranhamento e enfim a catarse⁵ e isso se faz importante no meio social, o que pode ser isto dentro do campo da oralidade e não na escrita é que mexe com toda a ordem discursiva do indivíduo que profere a palavra. Mas, no meio discursivo, o narrador pode fazer o que a escrita não faz como por exemplo colocar ênfase onde ele quer, a mudança de humor e a tonalidade da voz. É como se fosse uma música que os efeitos sonoros são diferentes do que está escrito. A forma como ela é proferida mexe com quem ouve e isso é muito comum quando se ouve lendas indígenas.

A palavra é inerente ao ser humano e vai ao encontro da oralidade, oralidades esta que é contada no tempo presente, fazendo de seus evocadores detentores do conhecimento, por isso que nas comunidades onde a oralidade é tida como tradição os anciãos são respeitados pois é através da palavra deles que o conhecimento é repassado. Como por exemplo nas etnias indígenas, quando se trata de narrativas míticas, como é sabido que, boa parte dessas tradições, o mito é passado de forma oral e isso se faz presente até os dias de hoje, onde ele vai se moldando como aspectos individuais, como se fosse mudando esteticamente falando através do tempo, mas mantendo sua força no conjunto ético de cada grupo e isso de forma coletiva. Dentro desse campo *estético e ético* a existência da experiência se legitima como fomentadora da verdade e do conhecimento.

Vale lembrar que neste trabalho a oralidade, ou seja, a enunciação da palavra é tratada de forma original não como a falta de oficialidade a qual a palavra escrita tem. Pois até mesmo em seu pouco esplendor ela relata os fatos e por isso de acordo com

⁵ Na obra “Poética” do filósofo Aristóteles, catarse é uma função da literatura que leva o espectador a purgar, a extravasar seus sentimentos, em um profundo envolvimento com o que está sendo apresentado.

Portelli (1997) não há “falsas” fontes orais, mas também pode-se aplicar o que se entende por informações “incorretas”, o que pode ser modificado no pensamento de cada um, como nas narrativas indígenas. Alguns eventos também devem ser levados em consideração, neste caso são os eventos políticos, levava-se a palavra como verdade até que provem o contrário. E no cenário atual a oralidade passa para a escrita, para que conserve e valide a palavra dita, afinal, enquanto a escrita se destacava, a oralidade vivia em sua sombra sustentando o discurso.

É na e pela palavra que dizemos quem somos, dos nossos afetos, medos, sonhos e projetos. Damos “vida” ao imaginário da cultura relatamos a partir do presente uma verdade possível e construímos o “mito” do herói nós mesmos. “Ressignificamos” a identidade e a história, projetamo-nos em realidade em fantasia para um futuro em linguagem, realidade e ficção, perspectivas enriquecedoras, que permitem a vida e nos constituem como sujeitos históricos (BRANDÃO, 2008, p.17).

O homem é o contador de suas próprias histórias e nelas ele é o seu herói (ou não) com sua imensa capacidade de criar, ele é, de fato, o principal mediador de sua imaginação e o sujeito de suas histórias e é nessa construção que é possível ver a criação de uma sólida identidade cultural humana. No entanto, muito provável que esses sujeitos sejam moradores de cidades pequenas, povoados, agricultores, pescadores, etc., trazendo em sua bagagem muitas experiências incluindo muitos aspectos de marginalização vistos como uma classe baixa e exótica. Em suma, a luta da oralidade por espaço se dá por conta da forma como ignoram os menores e a relação das classes sociais.

Tendo em vista que a oralidade traz consigo uma equipagem histórica, pode-se dizer que a voz e a poesia sofrem uma grande fusão no decorrer do tempo na visão do mundo. Zumthor (1993) se refere à oralidade como um aspecto “abstrato” e a voz é o “concreto”, pois é a voz que faz o sentido de tudo ali que está sendo proferido.

A qualidade e a variedade de formas que o narrador coloca em cada história não pode ser contrariada, pois cada vez que o testemunho é dado, este torna-se não uma inverdade, mas uma versão não antes contada, e isso pode ser visto quando em um remoto tempo a pessoa que está com o contador de história e ele conta de uma forma, colocando ênfase em partes as quais acha que deve colocar, realizando performance à sua maneira e, em outro momento essa mesma história se tornar talvez um resumo ou um conto mais longo, com mais coisas a acrescentar, e ela vai mudando conforme o contador mude também, mas jamais se torna um narrativa cansada, cansada do tempo, cansada do narrador ou cansada do ouvinte. De acordo com Portelli (1997 pg. 15) “Parcialidade’ aqui

permanece simultaneamente “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador repassa”. O conceito de que cada narrador tem consciência do que fala e toma para si cada situação ali contada. Contudo, estas não são narrações unificadas e não há imparcialidade, pois ao se tratar da história há sempre o seu próprio ponto de vista. Ao tornar a narrativa oral em escrita, quem escreveu acabou de “dicotomizar”; ainda que haja necessidade de ter as duas andando juntas a oralidade muda a forma da escrita, dando a ela um ar pouco apoteótico.

AS NARRAÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS

Cada história em si tem sua particularidade, adentra um mundo diferente e resiste sempre. Essa resistência, passa de tempos em tempos pela lembrança daqueles que tem o privilégio de escutar e repassar cada uma dessas histórias sem deixar perder a beleza do corpus da narrativa. Dentre tantos anos de experiências, esses senhores e senhoras que traçaram um imaginário de si e para si tendo como personagem principal o seu “eu”.

Cada indivíduo possui uma história, história essa que passa por diversos descendente e nesta passagem ela se impregna e por, mas que haja mudança, a sua essência não muda. Hoje, infelizmente, não se vê/ouve histórias com o mesmo entusiasmo, onde em uma noite quando à luz das lamparinas o pai, o avô, o tio, a mãe e as crianças ficam atentas às peripécias do ancião das caçadas, das pescarias, e nesse embalo que ele conta as "marmotas" que viu em suas viagens.

A beleza nas palavras, a perspicácia de cada ponto que é proferido é capitada pelo seu público. Desde que se entende por gente, pessoas cujo o pai ou a mãe trabalham em locais afastado de suas casas no interior é comum que haja histórias sobre viagens, situações que eles ouviram ou propriamente histórias que se repetiram que começaram com o avô e o neto viu/sentiu/ouviu a mesma coisa.

A fala com propriedade faz com que essas narrações se tornem verídicas ao ponto de se repetirem os fatos que ocorreram. Mas, como em meio a tantas formas de narração a oralidade é moldada a partir das histórias de pescadores, caçadores e agricultores?

É muito mais simples do que se imagina, quando foi decidido que este trabalho seria a melhor forma de dar reconhecimento das falas dos moradores antigos da Agrovila do Caraná, bem como expor um pouco da história desta comunidade o caminho para cada. Na prática a oralidades não se detém em pontos fixo que se pode ser convertido em escrita, muito pelo contrário, a palavra dita faz uma viagem solta e sem volta, quando ela vai e é

passada de um para outro e com certeza se tem aí uma linha que o tempo se encarrega de traçar, justamente quando o narrador se dispõe a deixar a narrativa mais interessante que a proposta do ser e do ter conhecimento do que fala é que a narrativa retoma a sua verdadeira essência e deixa de ser apenas palavras à deriva.

Afim de fazer este trabalho relevante, foi feita uma pesquisa de campo onde foi entrevistado alguns dos senhores mais velhos da Agrovila do Caraná, para que eles narrassem histórias sobre suas viagens às caças e pescas.

“A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA apud Engel e Silveira, 2002, pg.37).

O trabalho que é feito a partir da oralidade, a intenção não é por totaliza-la e muito menos por transforma-la em uma verdade, mas pelo fato de trazer para se ver visto aquelas pessoas que estão nas sombras e que precisam ser ouvidas. E o trabalho da entrevista segue como uma ponte de confiança entre o entrevistado e o entrevistador. “É esta relação de confiança que o entrevistador consegue estabelecer que conduzirá a coleta de um material suficientemente rico para ser analisado” (Weber, 1998, pg.302).

A priori a entrevista seria utilizando apenas o gravador e a caderneta de anotações importante, mas visto que Alberti (2002, p. 2) destaca que “uma entrevista contém não apenas histórias dentro dela, mas também análises e avaliações do passado e do presente, silêncios, interditos e toda uma série de elementos que podem informar sobre visões de mundo e elaborações subjetivas” além de que a ,esta seja uma forma de analisar a narrativa, também passa por etapas que consistem em preparação, onde se é esclarecido para que e para onde esta entrevista deve ser levada, logo após vem a entrevista que para este trabalho foi optado por ser o mais espontâneo possível, na esperança de captar não somente a seriedade das palavras, mas também as expressões.

O LEGADO QUE A MEMÓRIA DEIXA EM CADA PESSOA

Quando se fala em memória, logo se pensa em memória do cotidiano e a memória que está relacionada a lembranças remotas aquelas que estão enraizadas na mente, e

“vivem” no passado que fora transmitido de um único narrador para um grupo de pessoas ou que tem sobre si mesmo.

A narrativa constitui, pois, o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo. Representa a fonte do contar, logo, a origem da narração, exposição primitivamente oral de um sujeito para um grupo de ouvintes, com o qual compartilha interesses e expectativas. Zilbermam (2006, p. 14).

Nessa linha de vivências do que os velhos fazem reconstrução, tem-se veredas pelas quais ele utiliza para se assegurar naquilo que lhe foi contado ou vivido, a representação de ideias, memórias que se apresentam em cada ser varia de uma sociedade para outra.

Lembranças são como vidas que renascem a cada olhar, é no passado que se preserva a essência do homem e é nela também que ele se faz e refaz, é na presença dos fatos sociais que ele se cresce e se desenvolve (ou não) e é fato que as mudanças que é inerente de acontecer com cada ser humano vai afetar nas pais mais sensíveis no que diz respeito a memória. "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje e experiências do passado"(Bosi, 2009 pg.55).

É por isso que a “reavivação” da memória é importante para o futuro e para o presente do ser humano, pois quando há essa conservação do passado é iminente que haja e para que possa ser utilizada como espelho de reflexão para o tempo presente, não há perda de consciência sobre aqui que faz, mas o guia de que o contato com as memórias o faz um ser de passado/presente. As memórias bases estão sempre presentes na vida do ser humano, aquelas que marcaram seja com alegria, tristeza ou outro sentimento forte que faz com que ela se torne uma das que regem a vida, lembranças estas que são vividas individualmente.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoal. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertence. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Pollak (1989, p.124.)

E essas lembranças que regem os acontecimentos que foram analisados, e foi daí que pode ser traçado o caminho para o que Ecléia Bosi chama de “A Experiência da Releitura”, em seu livro Bosi fala sobre a lembrança de uma leitura que provavelmente

foi feita há muito tempo, as aqui pode-se usar o exemplo das vivências seja ela, só ou em grupo, traçando imagens que fazem referência ao mesmo local, com as mesmas pessoas e por aí vai, e percebe-se que a rapidez das lembranças e Os detalhes são deveras impactantes.

Eu caçava, num só pescava. Eu vi várias marmota assim de noite. Tipo, dizem que tem visagem e eu acredito que tem por que eu fui caçar ali pro centro e eu anoiteci lá pro roçado. O roçado ainda era novo, a gente enxergava uma distancia daqui assim como ali pra casa da Velha Raimunda ai eu sentei lá em cima dum toco dum pau. Fiquei lá sentado meio em cima, fiquei lá e foi escurecendo.

Rapaz, quando bateu carculadamente umas sete horas da noite ai começou a aparecer um gemor, parece quando uma pessoa tá doente. Fazia HUUUUUMM... huuuummm... hummmm. Fazia ne. Pô ai eu... ai me meteu medo mermo. Sabe o qué medo? Mas eu me lembrava que meu pai contava que lá pra onde eu caçava, nesse roçado tempo de derribá pau no mato de machado naquela época caiu pau encima dum senhor la que morreu debaixo dum pau e eu fiquei pensando que naquela noite. Eu pensei que ele que tivesse gemendo quando aconteceu esse acidente. Eu vim mimbora andando de noite, eu não conseguia andá de frente eu vinha meio de costa; a lanterna era boa a espingarda tarra boa. Eu focarra pa traz, eu notava que aquele negócio vinha nadando atrás de mim... quando eu passava num cerrado assim eu escutava aquilo amodo que esfregava la atrás... Rá! Até que eu varei na estrada... eu varei na estrada e vim. Não corri, vinha só andando mermo. Aquilo me deixô aqui na boca dessa estrada do Ramal (sic).

O narrador/personagem dessa pequena narrativa se chama Claudio (nome fictício), morador da Agrovila do Caraná, chefe de família, setenta e quatro anos, conta com suas experiências para dar aos outros o espetáculo, cada um tem sua forma de fazer seu próprio espetáculo, percebe-se que a linguagem coloquial é um dos principais fatores para que a narrativa seja ouvida mais atentamente levando a evolução que atinge a linha onde ocorre o encontro de quem narra e de quem ouve. O ser humano é tradutor de sua própria história e mesmo com o passar do tempo, não se delimita, não toma para si um limite, mas de forma como ele se encontra no seu próprio espaço e narração o faz guiar-se como o seu maior e melhor personagem. Rejeitando o espaço que o narrador dá a si mesmo dentro da sua história, percebe-se que a oscilação traz uma grande vantagem que é: fazer com que o ouvinte seja surpreendido pelo ponto alto e independente da verdade. Mas anteriormente foi dito sobre como a atmosfera da narração muda quando as histórias passam da palavra dita para a palavra escrita.

A transcrição, transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças de interpretação. A eficácia diferente de gravações, quando comparadas a transcrição – para propósito de sala de aula, por exemplo – pode ser somente apreciada por experiência direta... A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica

certa quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais. Portelli (1997, p. 27)

Quando se lê algo, logo vê que a leitura está aberta a interpretações e mesmo quando esta escrita segue o modo o protocolo da narração, sabe-se que não é a mesma coisa, a essência fica quando a narração é ouvida, e o que vem é apenas um texto materializado, carregado e interpretações, cada narração. Mas mesmo assim, pode-se dizer que a transcrição em si está de acordo com a narração

Estes nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e por tanto terminam por confinar o discurso dentro das regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ele. [...] Muitos narradores desviam-se do tipo de ritmo para outro na mesma entrevista quando sua atitude e relação à matéria em discussão muda. Naturalmente, isto pode somente ser percebido se se ouve, não se se lê. Portelli (1997, pg. 34)

Pode-se confirmar o que o autor diz quando foi feita a leitura a partir da narração neste trabalho. Durante seu Antônio estar contando seu caso, houveram diversas pausas e repetições de palavras, principalmente, e sempre acontece esses imprevistos e ações durante a entrevista e isso é um dos fatores abrilhantam mais ainda o processo da narração; a ausência de regras e vez ou outra terá que fazer mudanças, mudanças essas que nenhuma norma escrita é capaz de deixar presente no texto mesmo quando há intenção de fazê-lo. O mesmo podemos dizer sobre outro contador de histórias. Paulo (nome fictício), que também é morador da Agrovila do Caraná narrou uma de suas muitas histórias:

Uma vez pescando no Lago das Formigas, a gente ia fazer a nossa comida na beira do lago. Fazia o fogo, fazia nossas comidas lá pra depois ir embora pra dormir, passar a noite fora no meio do lago. Ai uma noite nos acabemo de jantar, nos fomo embora la ro meio do lago.
No que nós se agasalhamo la, finquemo pau pra prender a nossa canoa, ai quando nos demo aquela tocha de fogo bem bem no lugar onde nós tava com a nossa feitoria que a gente chamava, ne. As vezes a gente passava a noite e nessa noite tinha muito carapanã por isso a gente fomo lá pro meio do lago. Aquele fogo ia, chega ia pingado. Graças a deus que nós já tava longe de lá, nem olhamo pra lá, fomo embora pro outro lado e aquele fogo ficou naquela mediação onde a gente tava la (sic).

Nesta narração deste senhor, seu Pedro Cordovil, morador da comunidade pode-se perceber todos os elementos que já foram discutidos neste trabalho, principalmente no que diz respeito a repetição das palavras. Existe uma necessidade de expor a realidade destas pessoas as quais são autoras, protagonistas e heroínas da própria história, não há como se esperar uma coisa certa quando está filmando essas pessoas, os sentimentos são reais e a maior riqueza da oralidade é, de fato, a memória é ela que faz o ser humano ou

pode se dizer que o homem em si é um amontoado de memórias. Essas narrativas que contam todos, já vieram de muitos anos atrás e como é contada nos dias de hoje, percebe-se que a emoção de lembrar é a mesma, pois se trata de um evento que não é comum acontecer na vida dessas pessoas, mas que tem um efeito imenso, principalmente por conta de o próprio narrador ser o personagem principal da trama.

As vozes da água quase não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana (BACHELARD, 1989, p.17).

De tempos em tempos, o ser humano vai se descobrindo em suas experiências, a vida como leva e a convivência e sociedade contribui para seu crescimento, as nuances de sua passageira vida, seus valores e a tradução do seu pensar. A verdade é que não se pode viver sem pensar e, pensar implica lembrar de coisas, pessoas e conversas, não há aproveitamento de nada desta vida se não tiver o trabalho da memória em cada situação. As memórias não são como água parada, que se limita a um lugar, pois caso isso aconteça o enraizamento desta não transforma o homem, mas deixa ele em uma bolha, imerso em uma única ideia e o falar se torna oco e sem surpresa. A mente humana é um lugar complexo, intrigante e extraordinário.

Ecléia Bosi (2009), em sua obra fala sobre o desenrolar de uma lembrança um marco na vida do ser humano; nesses casos, onde os marcos estão sendo focalizados em memórias de visagens pode-se procurar entender a tessitura das lembranças desse tipo.

A memória coletiva se dá a partir das vivências sociais, de lembranças que o homem adquire. O passado pode ser apresentado de diversa formas, a lembrança pode uma mais das mais célebres sequências de registros, tanto pessoal quanto em grupo que se enraíza como fato, porém esta é moldada com o tempo para que seja contada a outros.

E é com isso que se forma o pensamento de que o homem em sua plenitude é um ser histórico compartilhador de experiências e que desde sempre utiliza a linguagem oral para dizer sobre si e sobre suas experiências.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder

e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo (Bosi, 2009, pg. 81).

Uma palavra de definiria muito bem o ser humano na sociedade seria “observação”; o homem é sujeito observador e é a partir de suas observações que se cria o mundo em que vive. Durante uma experiência o sujeito é novo para o que vive, e um exemplo forte a respeito da experiência e da lembrança que o que ela faz com o ser humano é quando se relembra das guerras que além de fazer parte do campo de grandes acontecimentos/tragédias traz consigo um apanhado de sequelas para quem vivenciou.

Uma análise de conteúdo de cerca de quarenta relatos autobiográficos de mulheres sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, publicados em francês, inglês e alemão, e completados por entrevistas, revela em muitos casos o desejo, simultâneo ao regresso do campo, de testemunhar e esquecer para poder retomar uma vida "normal" (Pollak, 1986, p.37)

Nesse sistema de opressão que foi visto por muitos e sentido também, o que dizer sobre as situações dentro dos campos de concentração onde a qualquer momento poderiam ser chamados para morrer. É bastante óbvio que a partir disso o que se pode pensar é que houveram dias de puro desespero por parte de cada uma dessas mulheres que poderiam perder suas vidas assim como poderia perder seus filhos, etc. Contudo não se pode também expor um exemplo de luta que cada brasileiro viveu durante a ditadura militar.

A luta ainda não acabou e durante os dias no que diz respeito a luta de pela liberdade, principalmente a liberdade de expressão, muitos professores, jornalistas e outras pessoas sofreram. Contudo, é de se esperar que durante a ditadura militar o governo fizesse isso mesmo e o que se ressalta sobre esse tempo é que nem o maior dos sistemas opressores foi capaz de calar, mas dar mais voz a quem precisava.

As memórias são cheias de surpresas, assim como elas podem ser um mar de devaneios que fazem do ser humano um ponto de ligação entre o presente e o passado, também ser uma forma de validar sua existência no mundo, Ecléia Bosi deixa claro o tema sobre a memória fazer o ser humano, ou seja, “eu sou a minha memória” e contribui para seu crescimento pessoal uma vez que em sociedade a convivência e experiências contribuem para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando este trabalho estava sendo teoricamente moldado, uma das perguntas que mais foi feita era: Qual a importância dessas narrativas e para quem elas servirão? Há tempos que ela estava sem resposta, mas agora pode ser respondida. Durante muito tempo, estas histórias só serviam para ser entretenimento de crianças, adolescentes e outras pessoas que ali naquele interior moravam e/ou das comunidades onde a oralidade lidera, mas hoje pode ser que essas mesmas histórias estejam (como está) fazendo parte de campos de estudos. O fato de que as histórias que o homem conta e reconta durante sua passagem na terra é uma mostra de que a oralidade é mister para quem na vida de todos, do pequenino cuja fala é seu meio de saber e transmitir saberes ao que usam essa vertente como estudo. A oralidade é a base das vastas cultura que se manifesta nas mais diversas sociedades, é obvio que ela é o carro chefe da comunicação, dando significado em tudo o que existe. Portanto, é de grande valia que oralidade seja, de fato reconhecida, não apenas de forma simplória, mas como um caminho seguro tal como a escrita é, a arte de contar se remete a i

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. “A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria”. Martins Fontes. São Paulo.1989.
- BOSI, Ecléa. “Memoria e sociedade: lembranças de velhos”. 1 ed. São Paulo. Companhia das letras. 2009.
- BRANDÃO, Maria Antonieta Tordino:” labirinto da memória: quem sou?”: São Paulo. Ditora Paulus. 2008.
- GALOIS, Dominique. Mairi Revisitada. A reitegração da fortaleza do Amapá e a Tradição oral dos Waiâpi. São Paulo: USP. 1994.
- POLLAK, Michael. “memória e esquecimento”. In estudos históricos, Rio de Janeiro.1989
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. Projeto História. Abril: Ática, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. Memoria entre oralidade e escrita. 2006. Letras de hoje, revistas Eletrônicas. PICRS.br/OJS/index/php/fale/article/view/621.

ZUMTHOR. Paul. A letra e a voz. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.